

MIGRAÇÃO E ESCOLA DE CHICAGO: CAMINHOS PARA UMA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Migration and the Chicago school: paths to an intercultural communication

Migración y escuela de Chicago: caminos para una comunicación intercultural

Sofia Zanforlin

Doutora em Comunicação pela UFRJ e Professora do Curso de Comunicação da Universidade Católica de Brasília.

E-mail: szanforlin@gmail.com

Resumo

Vamos trafegar por entre artigos de autores que tentaram responder à indagação, por que se imigra? Essa pergunta tem sido feita há mais de um século e nem sempre com respostas que consigam satisfazer ou apreender a multiplicidade de razões que justifiquem todas as dificuldades que envolvem mudanças geográficas, culturais, etc. Apresentaremos os conceitos de estrangeiro, homem marginal, interculturalidade e como estes podem ser pensados na contemporaneidade, na negociação com o espaço urbano, na construção de pertencimentos e disputas da diversidade e multiplicidade.

Palavras-chave: Escola de Chicago; Intercultural; Pertencimento; Negociação.

Abstract

We will travel through the papers of authors who tried to answer to the question, why do we immigrate? This question has been asked for more than a century, and not always with answers that could satisfy or teach the multiplicity of reasons that justify all the difficulties that involve geographical changes, cultural changes, etc. We will present the concepts of stranger, marginal man, interculturality and how these can be thought in contemporaneity, in the negotiation with the urban space and in the building of belongings and fights for diversity and multiplicity.

Key words: Chicago school; Intercultural; Belonging; Negotiation.

Resumen

Vamos a trafegar entre los artículos de los autores que han intentado responder a la pregunta, que és la inmigración? Esta cuestión ha sido objeto de más de un siglo y no siempre con las respuestas que cumplan a satisfazer la multiplicidad de razones que justifican todas las dificultades que implican cambios geográficos, culturales, etc. Vamos a introducir los conceptos de extranjero, hombre marginal, interculturalidad y cómo estos pueden ser considerados en el mundo contemporáneo, en las negociaciones con el espacio urbano, la construcción de ambientes y controversias de la diversidad y multiplicidad.

Palabras-clave: Escuela de Chicago; Intercultural; Pertencimiento; Negociación.

1. Por que imigrar?

“Que coisa estranha, que coisa esquisita deve ser: largar o país, a língua, abandonar a família em direção a algo completamente novo e, sobretudo, incerto”

Tatiana Salem Levy, A chave de casa.

Segundo Abdelmalek Sayad (1998), é pela dimensão econômica que se define a condição de imigrante, pelo estatuto do trabalho que o imigrante se legitima. Além de se constituir como força de trabalho, esta permanece, dissimuladamente, encenada pelo viés da provisoriidade, da temporalidade, do trânsito: “Afim, um imigrante só tem razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele” (p. 55).

Seria impossível definir uma única razão como a motivadora para o fenômeno da mobilidade. Sem dúvida, podemos traçar alguns marcos que definem o fenômeno migratório, contextualmente, a partir de modificações centrais nos modos de produção econômica que assomam na reformulação das tradicionais concepções sociais. A metade do século XIX, tal como explica Eric Hobsbawm, em “A Era do Capital” (1977), pode ser apontada como o início da maior migração de povos na história. Ao observar o contexto histórico deste período, diversos componentes constroem o cenário que propicia a decisão de milhões de pessoas que decidiram deixar a Europa rumo aos Estados Unidos¹. A expansão econômica, a industrialização e a urbanização das cidades comerciais podem ser rapidamente apontadas como as modificações que deram início a um novo modo de concepção do mundo, à mudança para a cidade, e pouco a pouco à rarefação do meio rural. A primeira remodelação sugerida pela industrialização é a sujeição da produção rural para abastecimento da cidade, que, dessa forma, marca a transição de uma economia agrícola para a de mercado.

Outra articulação indissociável para entender o fenômeno migratório é a da urbanização. A expansão

econômica promovida pela industrialização põe a cidade no centro das negociações e do escoamento da produção industrial. As cidades se constituem como mediadoras e como o palco da circulação e negociação do dinheiro gerado pelo crescente mercado consumidor. Na obra “A cidade do capital” (1999), H. Lefebvre, consagra a vida citadina como o lugar em que se cristalizaram as transformações começadas a partir do fim do feudalismo, do desenvolvimento do comércio e início das atividades industriais, como marcos da separação entre o rural, como o lugar da periferia, e o urbano, que passa a ocupar a centralidade das decisões políticas, econômicas, sociais e culturais. A cidade passa a ser o berço de inúmeras manifestações. Fundamentalmente, as cidades do século XIX, cresciam e se configuravam como os grandes centros de escoamento de mercadorias produzidas pelas indústrias: “a cidade engendra alguma coisa diferente e superior a si mesma: no plano econômico – a indústria; no plano social – a propriedade mobiliária; enfim, no plano político – o Estado” (Lefebvre, 1999, p. 43)

As primeiras migrações se dão, portanto, do campo para a cidade e depois entre cidades no mesmo país. O melhoramento das condições técnicas de comunicação e, principalmente, de transporte, como a estrada de ferro e as viagens de barcos a vapor e posteriormente navios que passavam a fazer viagens intercontinentais, vêm possibilitar ainda mais os deslocamentos populacionais.

Hobsbawm cita que a primeira grande leva de imigrantes europeus, entre 1845 e 1854, foi motivada pela “fuga da fome” (Op. cit. p. 214). Esse contexto marca as primeiras mudanças intercontinentais, junto às novas condições econômicas e o incremento das cidades industriais na América. Após esse fato, passa ser factível a possibilidade de embarcar rumo a outro continente amparado pelas trocas de informações entre os primeiros imigrantes e seus familiares que ficaram na Europa. Os meios de transporte e as comunicações postais possibilitam também o surgimento de outro fenômeno: o das viagens de férias de verão pela burguesia, e as pequenas excursões de alguns dias para as massas trabalhadoras. Estão abertos novos caminhos para o surgimento do desejo de ampliar experiências, rumo a novos cenários, novos espaços.

¹Segundo Hobsbawm mais de nove milhões de pessoas deixaram a Europa em direção aos Estados Unidos entre 1846 e 1875 (Hobsbawm, 1977, p. 207).

2. Então, por que se imigra?

O autor que tentou empreender esse estudo foi E. G. Ravenstein em “As leis da Migração” datado de 1885, em um estudo que procurou investigar a migração interna no Reino Unido. Condições de transporte, educação, o hábito de viajar, a procura de trabalho, a construção de uma nova fábrica, o surgimento de nova mina, são elencados no texto como alguns dos motivos que propiciaram as primeiras migrações. No entanto, o próprio Ravenstein confessa que foi o comentário do “falecido Dr. William Farr”, a afirmar que “a migração parece ocorrer sem qualquer lei definida”, o que explica o interesse do autor sobre o tema e que, de alguma maneira, essa afirmação possa ser retomada não para desqualificar as tentativas de apreensão do tema, mas para chamar atenção para a multiplicidade de motivos geradores das migrações.

Joaquín Arango retoma o estudo de Ravenstein e tenta avançar na questão primeiramente proposta: “As leis das migrações – 100 anos depois” (1985). Como já dito, desde o reconhecido trabalho de Ravenstein, várias hipóteses têm sido formuladas e a maioria delas se situa em torno de razões no âmbito econômico. Não por acaso, são as disparidades econômicas que abrem o resumo das leis apontadas no trabalho de Ravenstein e repetidas no artigo de Arango. Em seguida, seguem-se razões que se desdobram a partir dessa ‘lei’ maior e absoluta, e as mais notáveis são: a maior parte das migrações é de curta distância; as de grandes distâncias vão para centros de indústria e comércio; os cidadãos migram menos que o moradores rurais; as migrações tendem a aumentar com o desenvolvimento econômico, progresso tecnológico e do transporte; etc..

Além de realizar o refinamento do trabalho de Ravenstein, Arango assinala que as migrações não ocorrem de maneira aleatória, sendo possível identificar nesse momento do artigo uma primeira aproximação com a questão da constituição de redes migratórias, onde a comunicação e a troca de informação entre os primeiros e os potenciais migrantes é parte fundamental para a criação e manutenção de um destino e seu ponto de origem. Como atesta a citação de Paul Singer no texto: “os fatores de expulsão definem as áreas onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação deste”, (p. 16).

Outra fonte recorrida por Arango é a da teoria neoclássica e sua hipótese de ‘equilíbrio geral’, onde se afirma que, diante de uma situação de desigualdade salarial, a mão-de-obra trabalhadora tende a se deslocar geograficamente até que os salários reais se igualem (p. 21).

Ainda que tenha havido uma tentativa de incrementar e refinar a compreensão sobre as razões que caracterizam o fenômeno da migração, podemos perceber que o texto de Arango insiste em enquadrar as teorizações sobre a migração unicamente sob a perspectiva econômica. Porém, até que ponto não podemos tomar a economia como um alibi para o movimento inicial que encobre uma série de outras motivações subjetivas para o desejo de troca e ampliação de fronteiras? Gostaríamos de salientar a primeira parte do artigo de Arango em que ele ressalta a ambiguidade conceitual em que está imerso o tema da migração, o seu caráter multifacetado e a necessidade de um olhar interdisciplinar sobre o tema. O autor chama atenção para o fato de que os estudos com base em estatísticas de grupo, por sua vez, não permitem um refinamento que elabore novas concepções, mas apenas generalizações estimadas e indiretas. O que beneficiaria a compreensão a partir das molduras estruturais, sejam elas econômicas ou políticas.

Uma tentativa de escapar ao pensamento que liga migração à economia, e seus correlatos, pode ser encontrada no livro *Migraciones Transnacionales y Medios de Comunicación* (2008). O artigo tenta escapar da lógica que consagra a economia como motivo principal para migração e coloca a questão do desejo como elemento integrador e impulsionador fundamental para a mobilização que une impulso, ação e efetiva mudança. Para tanto, procede à distinção entre motivos e desejos. Os autores recorrem à Deleuze e Guattari para apontar o desejo como categoria movente: no sentido de estar disposto a algo. Portanto, antes das alegações econômicas, políticas, éticas, profissionais, acadêmicas, relacionadas como motivos, existe toda uma lista de sentidos cognitivos, afetivos, estéticos que constroem interseções entre motivações e desejos.

Apoiados sob relatos de migrantes residentes em Porto Alegre e Barcelona, bem como em análises estatísticas dos grupos entrevistados, os autores demonstram que a influência dos laços afetivos é capital para a decisão final de imigrar. Mais da metade dos entrevistados nas duas cidades

considera que as relações familiares e as amizades têm sido decisivos na hora de escolher um novo lugar para se viver. As relações afetivas interculturais, como casamentos, são apontados em seguida, assim como “poder viver uma outra vida”, o desejo de conhecer outras culturas, e naturalmente, as crises econômicas e/ou políticas, razão que se apresenta entre grande parte de latino americanos vivendo em Porto Alegre, por exemplo.

Ao trazer o desejo como categoria motivadora para explicar as migrações, o artigo atenta para a possibilidade emancipadora do subjetivo e a expressão individual como determinante da ação humana. Não se quer com esse argumento esvaziar a força preponderante do contexto histórico e material, para retomar uma nomenclatura marxista, em que as razões econômicas são a base da estruturação da ação, mas ao contrário, tentar enxergar as possibilidades da ação humana imbuídas de consciência crítica, simbólica, imaginária, como entidades criativas e revolucionárias.

Não é separar essas duas questões. Mas reforçar o que os Estudos Culturais trouxeram como novo em sua emergência, ou seja, a articulação da atividade subjetiva com fatores estruturais contextuais e perceber a potencialidade que essas articulações ensejam. É realçar que também o subjetivo dá conta de como as migrações acabam definindo, a partir da soma de uma pluralidade de situações, vínculos, conflitos e disputas sociopolíticas e culturais, a realidade das sociedades contemporâneas. Suspeitamos que pode vir a ser surpreendente perceber que a lógica dos afetos pode se confirmar como determinante no conjunto de circunstâncias materiais que, à primeira vista, se constroem como fundadoras.

3. Escola de Chicago: a relação entre urbanização e movimento migratório

As principais teorias e conceitos formulados sobre imigração estão vinculados à Escola de Chicago. Fundada em 1895, a partir de uma doação feita pelo milionário americano John D. Rockefeller, seu departamento de Sociologia nasce praticamente junto com a universidade, com o objetivo de descentralizar a produção de conhecimento centrada na costa leste e, consequentemente, desenvolver o meio-oeste.

Ali foi fundada também a primeira revista de Sociologia dos Estados Unidos, a *American Journal of Sociology*. Nessa revista, publicavam-se artigos dos acadêmicos da universidade e também foi ela a responsável por traduzir e propagar pesquisadores europeus, dentre eles Georg Simmel, grande influenciador do pensamento gerado pela escola.

Assim, ao se falar na relação entre migrações e cidades, não se pode negligenciar os trabalhos produzidos pela Escola de Chicago, tendo alguns de seus pesquisadores como referências fundamentais para o início de qualquer discussão que envolva o tema da mobilidade e seus desdobramentos. O que nos interessa nesse momento é buscar as principais contribuições e influências geradas por seus estudos, que trouxeram para o tema da migração o esclarecimento e pertinência de conceitos e debates que se revelam atuais e condizentes com os conflitos vivenciados na contemporaneidade: a relação entre migração e os debates que giram em torno das questões da assimilação, adaptação e negociações por parte de migrantes e do país de destino; a cidade e os conflitos, guetos, gangues, preconceitos e fragmentação; sem deixar de mencionar o papel central da comunicação de massas como mediadora intercultural. Porém, antes de entrarmos na discussão dos trabalhos da Escola de Chicago, apresentaremos um dos principais conceitos desenvolvidos por G. Simmel, *O Estrangeiro* (1908).

O estrangeiro incorpora a figura do viajante pontencial: embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir. E embora possa já pertencer a um grupo espacial, sua posição nesse grupo é determinada pelo fato de não pertencer a ele desde o princípio, mas de ter introduzido nele novas qualidades e novas posições. O estrangeiro estaria, assim, no limiar, na tensão entre proximidade e distância, sendo necessário um exercício de sutileza para a compreensão que o ‘conceito’ de estrangeiro exige: “ele que está próximo, está distante: ser estrangeiro é uma forma específica de interação” (p.183). Próximo na medida em que “sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional, ou genericamente humana. Distante quando esses traços se estendem para além dele ou além de nós, nos ligam apenas porque ligam “muitíssimas pessoas” (p.186). Outra comparação realizada por Simmel

para ‘ilustrar’ a figura do estrangeiro é a do indigente e as variadas espécies de “inimigos internos”, o estrangeiro pode vir a ser um elemento do próprio grupo, e não apenas aquele indivíduo que vem de fora, de outra cidade, de outro país: se por um lado está dentro e é membro, por outro está fora e o confronta.

Imbuído do caráter da objetividade, da não filiação a algum grupo específico e da mobilidade potencial que sua condição lhe confere, o estrangeiro pode vir a ser o responsável pela apresentação da novidade, da quebra da tradição, da relativização e emancipação dos costumes. O transitar por diferentes grupos, a troca de contatos, a diferença de cultura, de hábitos, confere ao estrangeiro o caráter inovador e ao mesmo tempo ameaçador, é ele que apresenta a possibilidade de quebra, rompimento e transformação. O estrangeiro emerge no contexto da transição para economia de mercado, tendo a cidade como palco de emancipação irrevogável para a construção da individualidade moderna. Tem-se, a partir das ideias lançadas por Simmel, o chão para a construção de um caminho para se pensar a relação entre cidade, migração e trocas culturais e comunicacionais iniciadas pela Escola de Chicago.

4. Estrangeiros no espaço urbano: a diversidade em construção

A questão da integração e assimilação dos imigrantes nos Estados Unidos era o foco das pesquisas da Escola de Chicago. Seus teóricos acreditavam na capacidade da sociedade americana em assimilar suas minorias étnicas. Seguindo este caminho, gostaríamos de destacar o conceito de ‘homem marginal’ desenvolvido por Robert E. Park.

Park, que foi aluno de Simmel durante o período de seu doutorado na Alemanha, traz dele evidentes contribuições para o desenvolvimento de seus estudos, principalmente sobre a questão do imigrante de segunda geração. Essa influência fica clara no seu texto *Human Migration and the Marginal Man* de 1928. No caminho inverso do seguido pelas teorias evolucionistas, onde se destaca a de Gobineau, por exemplo, que busca argumentos racistas para explicar a evolução social e civilizacional, Park afirma que uma civilização resultaria, ou melhor, floresceria a partir do

contato e da comunicação, isto é, da mistura de raças e etnias. A diversidade, portanto, não seria uma exceção, mas a regra de qualquer civilização, o contexto necessário para que se crie frutífero espaço para competição, conflito e cooperação. Park argumenta sobre a natureza propriamente mista de todas as raças, sobre a importância do contato e das migrações para as civilizações, ao contrário do que sugerem as teorias evolucionistas. Ressalte-se ainda a relevância do conflito, do atrito, da troca, para a superação e transformação de uma sociedade.

Segundo Park, a quebra da ordem promovida pelas migrações impõe o contato, conflito, negociação e, consequentemente, progresso, seguido por uma provável fusão com a população nativa, o que não implica o apagamento das diferenças culturais, mas o enriquecimento e emancipação: todo renascimento e desenvolvimento seria provocado pelo movimento de pessoas e agência de culturas alienígenas. Se num dado momento histórico as migrações significavam invasão seguida por desalojamentos, subjugo de um grupo por outro, elas passariam a assumir um caráter de pacífica penetração num momento seguinte. A migração para Park transmutou-se em mobilidade de indivíduos (p.886); onde antes havia guerras, hoje há greves e lutas internas. De fato, sabemos que as migrações atualmente se situam entre as principais questões contemporâneas, onde se pode perceber a mudança do caráter mencionado por Park, envolvimento de sensibilidades e disputas políticas e, muitas vezes, xenofobias violentas, no intrincado que envolve sociedade, mercado e Estado.

No entanto, a visão de Park é otimista ao enfatizar que quando uma organização tradicional se quebra pelo contato com outra cultura que chega, o efeito é o de emancipar o indivíduo, libertá-lo de convencionalismos e do julgamento da comunidade. Essa libertação ocorre pela incorporação dos novos hábitos à ordem social. Uma civilização moderna para Park é caracterizada pela diversidade de raças e culturas, pelas grandes cidades, pelo distanciamento de laços locais e cultura ‘folk’, pela expansão econômica e comercial. O indivíduo emancipado tende naturalmente a se tornar o cosmopolita – ele aprende a olhar para o mundo no qual nasceu com um certo desapego típico do estrangeiro. E é a figura do judeu europeu que Park escolhe, indubitavelmente pela influência de Simmel, como o ‘modelo’ do homem

emancipado, cosmopolita, ou de como Park vem a elaborar conceitualmente, como o homem marginal.

Assim, é influenciado na concepção de estrangeiro de Simmel que Park elabora a noção de homem marginal, baseado na segunda geração de imigrantes, mestiço, híbrido, à margem, suscetível aos efeitos da desordem do grupo familiar, e, portanto, também à criminalidade e à delinquência. O homem marginal é aquele que ao separar-se de sua cultura de origem é sempre alguém que constrói para si uma nova identidade. Ele viveria em um estado de crise permanente, porque vive entre dois mundos e, em ambos, um pouco estrangeiro: “é na mente do homem marginal onde as mudanças e fusões culturais se dão – que melhor se pode estudar o processo de civilização e progresso”. Constrói-se assim o modelo do homem que, vivendo entre fronteiras, se tornaria o modelo do cosmopolita, do cidadão do mundo.

5. Intercultural: o estrangeiro, o homem marginal, o cosmopolita

Conduzimo-nos então para o caminho que leva à concepção de ‘Interculturalidade’. Podemos observar o pioneirismo das discussões presentes nos trabalhos realizados pela Escola de Chicago, sobretudo porque torna possível pensar sobre a importância da ação individual que aponta para a ordem do subjetivo, do desejo como energia mobilizadora e potencialmente transformadora, necessárias para a tomada de consciência individual e agregadora.

A discussão em torno dos problemas da segregação racial, a formação de guetos no espaço urbano, fruto da fragmentação do tecido social de Chicago, repartido pelas diversas etnias, classes sociais e diferenças culturais, formavam o contexto no qual os pesquisadores desenvolveram seus temas. Os debates em torno das origens dos preconceitos raciais e as hipóteses sobre sua possível superação por meio da ascensão econômica, apontaram alguns motivos que corroboram para a criação de tensões entre imigrantes e população local: competição e busca por postos de trabalho, além das modificações sociais e culturais que a presença ‘alienígena’ causa.

Ao contrário do pensamento eugenista que vigorava na época, as concepções lançadas pela Escola de Chicago

caminham muito mais no intuito de promover uma sociedade diversa, onde a ordem do humano se situaria muito mais na ordem do conflito. Seria a partir do conflito que novos arranjos são negociados e onde a emancipação individual e coletiva, no sentido de problematizar e criar condições para o florescimento de uma civilização moderna, estaria sendo proporcionada a partir do contato, da mistura e do encontro com a diferença.

Gostaríamos de sintetizar os conceitos trabalhados anteriormente com vistas a nos conduzir à proposta de Everett M. Rogers (1999) que busca em Simmel e no conceito de estrangeiro, bem como nas contribuições da Escola de Chicago, notadamente em Park, a elaboração da ideia de uma comunicação intercultural francamente baseada nos conceitos desenvolvidos por esses autores. A proposta de Rogers é reconhecer os conceitos expostos para fazer avançar a comunicação intercultural. Ele ressalta que nas pesquisas sobre o tema da interculturalidade pouco são citadas a contribuição de Simmel ou da Escola de Chicago, ficando a autoria desse conceito com Edward T. Hall e seu livro “The Silent Language”, de 1959.

É verdade que, como expõe Rogers, a ideia de comunicação intercultural é primeiramente apresentada por E. T. Hall, que trabalhava no “Foreign Service Institute” entre 1951 e 1955, e que se propunha a pensar a comunicação entre duas ou mais pessoas que são diferentes, ou, apenas, a comunicação entre diferentes. Inicialmente, essas diferenças eram pensadas em termos de nacionalidades, uma vez que fazia parte de um estudo para treinamento dos diplomatas norte-americanos que viriam a representar seu país nas diversas embaixadas e escritórios abertos pelo mundo. Era um momento em que os Estados Unidos estavam se expandindo e se legitimando econômica e politicamente. Para E. T. Hall, “cultura é comunicação e comunicação é cultura”, e reconhecer as diferenças e considerá-las no momento de lidar com elas seria de fundamental importância para o trabalho diplomático. O trabalho foi concebido, portanto, por um grupo de antropólogos e linguistas, e ganhou corpo para a ampliação da noção de diferença para abarcar as diversidades de idade, gênero, classe, etnia, ou seja, para o entendimento da interculturalidade para a troca de informações entre indivíduos que possuam diferenças culturais.

Em seu artigo, Rogers se dedica a demonstrar que tais conceitos têm relevância e pertinência para o enriquecimento do tema. Assim, desde a noção de estrangeiro e a objetividade trabalhada por Simmel, como a de homem marginal e distância social, de Park, e as discussões derivadas dessas acepções, são mencionadas para integrar e complexificar o campo de estudos da comunicação intercultural. Lembremos também a relevância que a escola pública e a imprensa em língua estrangeira tiveram em estudos tanto de Thomas como de Park no sentido de cooperar para integração e posterior assimilação do imigrante no contexto americano. Foram dados os primeiros exemplos de como se realiza a comunicação intercultural como mediação no processo de adaptação que percorre o migrante.

6. Conclusões

A proposta intercultural apreende o mundo como um conjunto de “hegemonias dispersas” (Appadurai, 2004) e traduziria-se numa forma inédita de atuação sobre as políticas sociais, atualizando o debate em torno das noções de inclusão num mundo cada vez mais dependente de conexões e interseções.

Partimos do pressuposto lançado por Appadurai que consagra as migrações e as mídias, sobretudo as eletrônicas, como os dois expoentes caracterizadores da contemporaneidade. Nesse cenário, a interculturalidade surge como amparo fundamental para a negociação de pertencimentos de cidadãos cada vez mais globais, que possuem, ainda assim, todo um histórico pessoal identitário, impossível de ser apagado em favor de alguma nova ou única identidade. O intercultural, como possibilidade de comunicação entre diferentes, assume a cultura como ponte para um diálogo nem sempre fluídico, muitas vezes conflitante, porém, apoiado numa base de negociação constante e imprescindível. Qualquer coisa fora disso, torna-se imposição, ou sobreposição de uma expressão em detrimento de outras.

Sendo assim, a proposta intercultural consagra a centralidade do cultural na lógica contemporânea, porém reclama a efetivação política da ampliação e da inclusão, do acesso e do direito à conexão e à mobilidade com condições para o exercício da plena cidadania, ciente, portanto, das

disputas de poder que são travadas ao longo desse caminho.

É nesse sentido que se faz necessário o estabelecimento de um tipo de solidariedade e identificação onde os mais variados discursos possam coexistir com as mais diversas relações, constituindo o sujeito como o local de competição de diferentes discursos e vozes. A questão passa, portanto, a ser: como pensar os processos de inclusão, conexão e mobilidade junto ao direito de manifestação à diferença, num contexto de globalização, transnacionalidade e transculturalidade? Sem dúvida, a proposta intercultural está sintonizada com as discussões empreendidas pela Escola de Chicago, porém, sintonizada com as complexidades que o tema da migração, da inclusão e da negociação de direitos pressupõe.

Referências:

- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa, Editorial Teorema, 2004.
- ARANGO, Joaquín. Las “leyes de las migraciones” de E. G. Ravenstein, cien años despues. *Revista Espanola de Investigaciones Sociológicas*. oct.-dez. 1985.
- BECKER, Howard. *A Escola de Chicago*. Mana, vol.2, Rio de Janeiro, 1996.
- COGO, Denise, GUTIÉRREZ, Maria, HUERTAS, Amparo (ORGs). *Migraciones Transnacionales y médios de comunicación. Relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madrid, Catarata, 2008.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papyrus, 1995
- HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital. 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- PARK, Robert E. Human migration and the marginal man. *The American Journal of Sociology*, v. 33, n. 6, 1928.
- RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração [1885]. In: MOURA, Hélio A. de (org.) *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1980.
- ROGERS, Everett M. Georg Simmel's concept of the stranger and intercultural communication research. *Communication Theory*, v. 9, fevereiro 1999.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da*

Alteridade. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro [1908]. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental [1902]. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Outras publicações da autora:

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti . A CONSTRUÇÃO CONTEMPORÂNEA DO REFUGIADO E DO MIGRANTE: dos benefícios da condição de vítima à repreensão do protagonismo. Revista Eco-Pós (Online), v. 16, p. 134-146, 2013.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti . Etnopaisagens, Migração Contemporânea e as Tecnologias da Comunicação: o Corredor da Central e a nova migração africana para o Rio de Janeiro. In: Denise Cogo; Mohammed ElHajji, Amparo Huertas. (Org.). Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais. Barcelona: Bellaterra : Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti . Cidades, Migrantes e Pertencimentos: a Praça Kantuta como etnopaisagem intercultural. Esferas - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste, v. 1, p. 81-88, 2012.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti . Regionalismo e Estetização. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. (Org.). Enciclopédia Intercom de Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010, v. vol I, p. 1051-1052.

ELHAJJI, M. ; ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti . A centralidade do cultural na cena contemporânea: evolução conceitual e mudanças sociais. Revista FAMECOS (Online), v. 1, p. 5-12, 2009.